

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: HOSPITALIDADE X HOSTILIDADE

MIGRATORY MOVEMENTS IN TIMES OF GLOBALIZATION: HOSPITALITY X HOSTILITY

Carlos Otavio Pereira dos Santos¹

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Fernando Andrade Pinto²

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Victor Gomes Barcellos³

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo: A instabilidade econômica e política do Brasil e do mundo em geral, acabam provocando um falso medo - o medo do desemprego e da fome – sentimento esse, que uma vez instalado na sociedade como um todo, abre espaços para a violência verbal ou física contra as populações socialmente marginalizadas, como mulheres, negros e imigrantes. Os atuais fluxos migratórios no Brasil vêm acarretando modificações espaciais, que ultrapassam a antiga ideia de fronteira e de seus limites. Ao romper com essa barreira o indivíduo acaba por entrar em um campo totalmente novo e desconhecido, ficando exposto ao extremo do que se pode chamar de Hospitalidade, ou seja, à mercê da Hostilidade, tal como se pretende demonstrar neste trabalho.

Palavras-chave: Movimentos Migratórios; Hospitalidade; Hostilidade.

¹ É aluno de Graduação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - 6º semestre do Curso de Turismo - E-mail: carlosotavio8@gmail.com

² É aluno de Graduação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – 5º semestre do curso de Turismo. E-mail: andrade_490@hotmail.com

³ É mestrando em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em parceria com a Escola de Comunicação da UFRJ- E-mail: victorgbarcellos@gmail.com

Abstract: The economic and political instability of Brazil and the world in general end up provoking a false fear - fear of unemployment and hunger - a feeling that, once installed in society as a whole, opens spaces for violence verbal or physical against socially marginalized populations, such as women, blacks and immigrants. Current migratory movements in Brazil are leading to spatial changes that go beyond the old idea of the frontier and its limits. When breaking with this barrier the individual ends up entering a totally new and unknown field, being exposed to the extreme of what is can call Hospitality, that is, at the mercy of Hostility, as it is intended to demonstrate in this work.

Key words: Migration Movements; Hospitality; Hostility.

Resumen: La inestabilidad económica y política de Brasil y del mundo en general acaban provocando un falso miedo - el miedo al desempleo y al hambre - sentimiento que, una vez instalado en la sociedad como un todo, abre espacios para la violencia verbal o física contra las poblaciones socialmente marginadas, como mujeres, negros e inmigrantes. Los actuales flujos migratorios en Brasil vienen acarreado modificaciones espaciales, que sobrepasan la antigua idea de frontera y de sus límites. Al romper con esa barrera el individuo acaba por entrar en un campo totalmente nuevo y desconocido, quedando expuesto al extremo de lo que se puede llamar Hospitalidad, es decir, a merced de la Hostilidad, tal como se pretende demostrar en este trabajo.

Palabras clave: Movimientos Migratorios; Hospitalidad; Hostilidad.

INTRODUÇÃO

A expectativa do Brasil como país de imigração, entretanto, logo se mostrou falsa. Diversos casos de xenofobia contra eles foram noticiados, e mais recentemente com a crise econômica enfrentada pelo país, a esperança de conseguir um bom emprego também foi frustrada. Sem muitas alternativas, mas resistentes em reconhecer sua desilusão, eles têm aceitado condições precárias de trabalho e moradia ou tentado a partir para outros países que teriam perspectiva de melhores oportunidades.

O descaso do Estado com essa população e o protagonismo de organizações do terceiro setor na assistência a ela vai ao encontro do que se defendeu inicialmente. Seu pilar “território” é abalado pela dificuldade em resistir à entrada ilegal, e o pilar de “população” é abalado por

um grupo que vem de fora e exige fazer parte dela. Assim, apenas uma perspectiva global poderia corresponder a esse fenômeno.

A flexibilidade que apresentaram para dialogar com a cultura local, mais do que apenas “se adaptarem”, reforça a hipótese de uma identidade cada vez mais fluida. Eles têm mostrado interesse em atividades culturais brasileiras e encontrado facilidade para lidar com a barreira do idioma.

Medo do desemprego, da violência e dos efeitos da instabilidade financeira que ronda o mundo todo, nestes tempos de globalização desenfreada. Por sua vez, as políticas de imigração dos Estados vêm destratando os indivíduos dos diversos países, de maneira a não cumprir a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948 que em sua essência assegura o direito de ir e vir a todos os cidadãos do mundo e é constantemente ameaçada, como é possível visualizar no caso recente dos venezuelanos que deixam o país para tentar a vida aqui no Brasil, no Peru, na Colômbia e em outros países da América Latina.

Esses grupos populacionais, que já sofrem com a perda da identidade, também estão inseridos em um sistema de produção que se serve desses espaços de fluxos constituídos por redes, exigente de fluidez e sequioso de velocidade e massacram as populações que se organizam dentro desses espaços. São os atores do tempo rápido, que plenamente participam do processo, enquanto os demais raramente tiram todo proveito dessa fluidez (SANTOS, 2015).

Relacionando o estudo das ações Governamentais para atendimento aos venezuelanos e o acompanhamento das ações Não-Governamentais exercidas pela sociedade civil. Foram feitas pesquisas bibliográficas e mídias eletrônicas. Utilizando o método de pesquisa explicativa. A necessidade de adotar o método de pesquisa explicativa durante a primeira etapa se justifica pela sua capacidade de registro, análise, interpretação e identificação dos fatos, de modo a incentivar no âmbito produtivo a geração de hipóteses e correlação de ideias por força da dedução lógica.

Posteriormente, através do método de pesquisa exploratória, buscou-se compreender a realidade dos venezuelanos que chegam à São Paulo em busca de melhores condições de vida, bem como detectar suas necessidades e prioridades neste contexto. Para tal, realizou-se entrevistas com os responsáveis diretos de duas principais ONG's de atendimento à refugiados de São Paulo: a Cáritas Brasileira e a Adus – Instituto de Reintegração do Refugiado. Além disso, foi possível identificar quais são as principais ações que estas Organizações não governamentais tomam para atender a enorme demanda que este fluxo migratório provoca. Este método de pesquisa foi escolhido por permitir a elucidação de fatos e especificidades do

fenômeno migratório venezuelano que antes eram palpáveis, mas não totalmente evidentes, através de informações do cotidiano destes indivíduos na nova realidade que estes enfrentam.

OS VENEZUELANOS NO BRASIL

A Venezuela, atualmente passa por uma grande crise social, política e econômica, o que a torna um país com grande potencial de emissão de migrantes, em busca de melhores condições de vida. O Brasil, comparado a outros países vizinhos da Venezuela, recebe um volume menor de imigrantes, levando-se em conta o seu PIB, sua extensão territorial e a sua população total.

Muitas pautas referentes a esta modificação social entraram na agenda do Governo Federal nos últimos meses. Questões como a locação dos imigrantes, segurança pública nas cidades receptoras e saúde ultrapassam os níveis municipal e estadual de administração pública, tornando-se um assunto de interesse nacional. O governo do estado de Roraima decretou situação de emergência, solicitando a ajuda do Governo Federal no final do ano de 2017. A cidade de Boa Vista (capital do estado) é a mais afetada com o intenso fluxo migratório, principalmente pela sua precária infraestrutura de serviços públicos.

A chegada dos venezuelanos no Estado de Roraima, na região Norte do Brasil, trouxe vários questionamentos sobre a política de migração, fronteiras e impactos sociais. Na quarta-feira - 14/02/2018 - o Ministro da Defesa, Raul Jungmann, anunciou a atuação das forças armadas na coordenação das ações humanitárias e que o efetivo militar também será duplicado, passando de 100 (cem) para 200 (duzentos) homens⁴. Nessas condições, a pessoa, o migrante, que chega sem nome próprio reconhecido, sem família, nem estatuto social que o reconheça, não recebe a hospitalidade, de modo que esse ser anônimo, será reconhecido não como um estrangeiro, mas como mais um bárbaro (Derrida, 2003).

Já, a chegada dos venezuelanos na cidade de São Paulo, em 05/04/2018, mobilizou diversas frentes de ajuda humanitária. Novamente vários desafios apareceram, pois todo fluxo migratório possui particularidades e apresenta imensas dificuldades para qualquer país, seja o Brasil ou a Alemanha, por exemplo. Não apenas a ênfase na hospitalidade apareceu, mas também a xenofobia, que ganhou outro foco, no caso dos venezuelanos. Os dados obtidos na primeira semana de sua chegada, mostram, através de reportagem que uma família venezuelana foi explorada no Brasil. Segundo o veículo de comunicação, o Estado de S. Paulo, os refugiados não imaginavam que viveriam uma situação similar à escravidão, justamente na cidade mais

4 https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071_492585.html

rica cidade do país⁵ Em estado de extrema vulnerabilidade a família recebeu uma proposta para trabalhar em uma fábrica de costura, mas ao chegar a situação tomou outros rumos, dando espaço para uma situação de escravidão, como costuma ocorrer nesses casos, quando se perde o passaporte e se torna devedor, sem condições de pagamento, ou seja, uma completa desumanização. Por terem pessoas conhecidas na capital paulista, a família pediu ajuda e acabou por conhecer a ONG - Missão Paz – que ofereceu ajuda e hoje eles esperam a regularização de seus documentos para poderem entrar no trabalho formal brasileiro. Segundo o padre Paolo, diretor da ONG, já há sinais de que os venezuelanos são os novos alvos das empresas exploradoras.

As instituições não governamentais têm assumido um importante papel, para tratar do acolhimento a essa população, como pode ser visto através da mídia nacional, em sua cobertura diária do assunto. Em São Paulo, instituições como a Cáritas Arquidiocesana, a Missão Paz São Paulo, a Casa do Migrante e a Missão Scalabriniana dão assistência aos imigrantes que chegam, a maioria por terra, enfrentando dias ou até semanas de viagem. São instituições que surgem quando uma das maiores preocupações da nação em relação à imigração é a perda de controle, o que pode vir a acarretar problemas de soberania, segurança e identidade nacional. Segundo o Padre Paolo Parise, diretor do Centro de Estudos Migratório (CEM), ao falar da migração venezuelana no Brasil, é importante salientar que se trata de um fenômeno que interessa sobretudo ao Estado de Roraima, pois, segundo o padre:

Um estado recente, formado por migrantes internos e que sempre manteve uma relação histórica com a Venezuela. Para se ter uma ideia, nos anos 1980, 7% da população venezuelana era formada por imigrantes, inclusive brasileiros. Hoje, segundo os dados da Polícia Federal, há cerca de 31 mil venezuelanos em Roraima. (O Estado de São Paulo, 2018, p. 7-13)

De acordo com a informação obtida pelo escritório do Brasil para o Alto Comissariado das Nações Unidas para refugiados (ACNUR) o fluxo de venezuelanos é misto - alguns se qualificam para proteção internacional como refugiados e outros não. Para o governo, a solução

⁵ <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,familia-venezuelana-e-explorada-no-brasil,70002258113> Acesso em: 09/04/2018.

é tirar um número de venezuelanos do estado de Roraima e transferi-los para São Paulo e para outros estados, para minimizar o problema.

A CULTURA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Com o avanço das novas tecnologias, os canais de diálogo e informação transformam as novas migrações fazendo com que os órgãos institucionais assumam o controle dessa população que se encontra em movimento. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), o primeiro órgão internacional a produzir legislação sobre o assunto, fez em 1949 a Convenção de Imigração para o Trabalho e, em 1975, a Convenção dos Trabalhadores Imigrantes. As duas convenções aconselham os Estados signatários que reconheçam o trabalhador imigrante e que este possa ter os mesmos direitos que os cidadãos do país em que se encontram. O que ocorre, porém, é uma baixa ratificação por parte dos países membros da convenção, pois, os países que mais recebem o fluxo migratório, não assinaram o acordo, dificultando assim a aplicação dos conselhos da Convenção. Existem muitas controvérsias em relação às obrigações do Estado perante os imigrantes.

Associa-se a palavra cosmopolita a um modo de vida globalizado. Desprezar as fronteiras geográficas e as questões históricas tem por objetivo considerar a Terra como casa comum. Os imigrantes encontram-se em uma classe global que é minoria social e sem território, conforme apresenta Milton Santos:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertencem. (SANTOS 2015, p. 96).

Em uma situação de vulnerabilidade a população venezuelana busca um mínimo de empatia e oportunidades para sair da condição de pobreza. A Venezuela está buscando nos países vizinhos acolhimento e solidariedade para poder mudar de vida, mas muitas barreiras encontram no caminho, pois essa mobilidade ainda hoje pertence diretamente ao Estado e as políticas públicas aplicadas ao imigrante se mostram insuficientes para sanar as questões envolvendo o indivíduo que se refugia em uma sociedade, pois o controle das fronteiras não está pautado apenas em demarcações físicas, vai muito além disso. Nenhuma fração do planeta escapa dessa influência. A velha noção de ecúmeno perde a antiga definição e ganha uma nova dimensão; tanto se pode dizer que toda superfície da terra se tornou ecúmeno quanto se pode

afirmar que essa palavra não se aplica apenas ao planeta efetivamente habitado (SANTOS, 2015).



24.fev.2018 - Refugiada venezuelana dá água para sua filha dentro de um abrigo em Boa Vista, Roraima.
Foto: Mauro Pimentel/AFP

Os países vizinhos à Venezuela, especificamente o Brasil, receberam pessoas em busca de melhores condições de vida. Essa chegada deve provocar uma modificação no espaço público, que exigirá a criação de novas políticas públicas para receber dignamente as pessoas que acolhe. As consequências desse choque de cultura podem vir a provocar sentimentos de medo e, no caso dos brasileiros, o medo do desemprego, da fome e de outros problemas relacionados à crise do país. Já para o lado dos imigrantes, o medo caminha lado a lado com a perda de sua identidade, mas acaba por se resignificar, já que eles buscam torna-se parte do local em que agora estão vivendo. A identidade torna-se uma celebração móvel. Os espaços, ao longo do tempo, se modificam e então presencia-se o choque entre as culturas (Hall, 2005), pois elas são transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Segundo Milton Santos:

O espaço, portanto, é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória de espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à

mudança dos processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas de se inserir dentro delas (SANTOS, 2012, p. 73).

Essa travessia nem sempre é fácil e os riscos enfrentados pela população migrante são enfatizados pelos direitos humanos, juntamente com as organizações não governamentais, como a ACNUR por exemplo. Boaventura cita:

O agravamento do risco social na contemporaneidade relaciona-se com a emergência de novos fatores de incertezas e de imprevisibilidade que reduzem inelutavelmente a capacidade de resposta no quadro dos sistemas por Beck, distingue-se pela presença crescente de consequência não esperadas, nem desejadas, do processo de modernização e pela generalização da insegurança. (SANTOS, 2002 P.164).

Assim, as identidades estão continuamente se refazendo, alterando-se no encontro com o outro, com o diferente, bem como com os paradoxos e mal-estares decorrentes dessa diversidade de referências identitárias.

HOSPITALIDADE X HOSTILIDADE

Essa nova onda migratória para o Brasil, no âmbito do cenário da América Latina, acabou por provocar uma reavaliação da legislação brasileira, que ainda estava pautada pelo Estatuto do Estrangeiro, um resquício da época da ditadura, que interpretava a migração como uma questão de segurança nacional e não de direitos humanos. Assim, há anos a sociedade civil brasileira vem demandando uma reforma da legislação brasileira, que ganhou fôlego sobretudo a partir de 2013, em um processo que culminou na aprovação da Nova Lei de Migração, a Lei Nº.13.445/2017, sancionada em maio de 2017, que entrou em vigor em novembro do mesmo ano.

Porém, o governo brasileiro tomou medidas de segurança pública, reproduzindo a ideia de que o Brasil está tratando essa migração como problema de segurança nacional, perdendo, portanto, o caráter humanizado que devem receber os cidadãos em fluxos migratórios causados por questões de sobrevivência, tais como são as catástrofes naturais, as perseguições políticas e as crises econômicas severas. Logo, as críticas feitas por muitos chefes de Estado e representantes de órgãos não governamentais, ficam pautadas pela falta de acolhimento humanizado para os venezuelanos.

A busca por melhoria de vida não está enraizada apenas no Estado de Roraima e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) comunicou à prefeitura de Boa Vista que possui uma lista com 571 nomes de venezuelanos interessados em deixar Roraima

para tentar uma nova vida em outros estados do Brasil. Segundo a Casa Civil, os imigrantes adotaram de forma voluntária o processo para buscar oportunidades de trabalho em outras partes do país. Eles são solicitantes de refúgio ou tem residência temporária no Brasil.



24.fev.2018 - Refugiada espera sua vez para conversar com trabalhadores de uma ONG em um campo de refugiados em Boa Vista, Roraima. Foto: Mauro Pimentel/AFP.

Já a chegada dos venezuelanos à cidade de São Paulo foi considerada até hospitaleira, pelos muitos imigrantes que foram encaminhados a abrigos públicos do município. Agora a continuidade desta pesquisa é a de acompanhar a situação dos mesmos, no decorrer do tempo que por aqui estiverem. Uma das preocupações do estudo e muito recorrente em qualquer parte do mundo é a xenofobia, que também foi enfrentada pelos haitianos quando se espalharam pelo Brasil e parece estar presente nesse novo ciclo migratório, a da população venezuelana.

Panorama dessa perversidade apresenta-se nas palavras de Milton Santos, quando afirma que tanto o território quanto o lugar, são esquizofrênicos. De um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contraordem, porque há uma produção aceleradas de pobres, excluídos, marginalizados. (SANTOS, 2015, P. 114).

O medo, a xenofobia entre outros, instalam-se em um período em que a política se encontra muito instável e conseqüentemente, essa instabilidade afeta a economia. É esperado

que o falso medo se instale com a ideia de que os imigrantes queiram roubar os empregos da população local. Ainda Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização* explica que:

[...] a ideia de que o desemprego é o resultado de um jogo simplório entre formas técnicas e decisões microeconômicas das empresas é uma simplificação, originada dessa confusão, como se a nação não devesse solidariedade a cada um dos seus membros. O abandono da ideia de solidariedade está por trás desse entendimento da economia e conduz ao desamparo que vivemos hoje. (SANTOS, 2015, p. 58).

Tendo em vista que a imigração fronteiriça, além de ser uma facilidade pela questão da aproximação territorial, é vista também como uma possibilidade viável de ascensão social. Muitos venezuelanos vêm para ao Brasil em busca dessa ascensão, tornando esse ponto crítico, pois, não se sabe o que os espera do outro lado da fronteira, tendo em vista que essa migração da Venezuela hoje, ocorre de uma maneira involuntária. Quando se fala em território deve-se, pois, logo entender que se está falando em território utilizado por uma dada população. Primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem (SANTOS, 2015). Quando se é retirado do seu lugar, as configurações tanto espaciais quanto sociais, mudam e afetam o indivíduo, que por muitas vezes acredita na hospitalidade do país receptivo, sendo essa sua única esperança. O deslocamento deve ser percebido como fragmentos de significados culturais em lugar de serem apenas uma extensão ou transferência desses significados. Hoje, com a globalização, pode-se dizer que a totalidade da superfície da terra é compartimentada, não apenas pela ação direta do homem, mas também pela sua presença política. Logo a estadia no Brasil é de extrema importância para esse imigrante, que ao chegar, é bombardeado por perguntas, estas lhe impõem a tradução em sua própria língua, tornando-se a primeira violência. Derrida cita:

Trata-se de saber se esse pacto, esse contrato de hospitalidade que liga ao estrangeiro e que liga reciprocamente o estrangeiro, vale para além do indivíduo e se estende, assim, a toda família, à geração, à genealogia. Não se trata, ainda que as coisas sejam conexas, do problema clássico do direito à nacionalidade ou à cidadania como direito de nascença - ligado, aqui, ao solo e, lá ao sangue. Não se trata apenas da cidadania oferecida a alguém que não a tinha anteriormente, mas do direito acordado ao estrangeiro enquanto tal, ao estrangeiro que continua estrangeiro, e aos seus, à sua família, a seus descendentes. (DERRIDA, 2003. P. 21).

A preocupação com o acolhimento humanizado dos imigrantes é claramente pautada na nova lei de imigração, mas fala-se, hoje, muito em violência e é geralmente admitido que é quase um estado, uma situação característica do nosso tempo. Todavia, dentre as violências de que se fala, a maior parte é sobretudo formada de violências funcionais derivadas, enquanto a

atenção é menos voltada para o que preferimos chamar de violência estrutural. Segundo Milton Santos:

A nosso ver, a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, cuja a associação conduz à emergência de novos totalitarismos e permite pensar que vivemos nunca época de globalitarismo muito mais de globalização. (SANTOS, 2015, P.55)

A migração faz parte da natureza humana. Nos últimos anos, o agravamento de conflitos internos e a crise econômica acabaram por intensificar os fluxos migratórios em todo o mundo. Dentro desse contexto, segundo o ACNUR (Alto comissariado da ONU para Refugiado), foi o que motivou a maior crise de deslocamento forçado desde a criação da ONU em 1945 e trouxe consigo novos desafios para a acolhida e regularização de migrantes.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O fenômeno migratório internacional atual vem se caracterizando pelo desenvolvimento e constituição de sociedades em redes. Marcado por pressões externas sobre a questão da migração venezuelana, o Brasil, com suas ferramentas tenta conter o fluxo migratório para o país, mas as zonas fronteiriças são zonas de empréstimos e apropriações culturais, e, por isso, um lugar privilegiado para compreensão do fenômeno migratório. Essas fronteiras tanto podem se configurar como lugar de controle ou de transgressão, seja das fronteiras geopolíticas, seja das fronteiras culturais e da subjetividade.

O controle feito pelas forças armadas na fronteira entre Brasil e Venezuela é carregado do mito do medo, que consiste na entrada ilegal de pessoas e produtos. O fator aproximação é uma forte influência para se escolher o lugar para se migrar. As políticas públicas devem estar pautadas em acolhimento, na regularização de documentos, oferecimento de condições de saúde e de educação. Portanto, estes novos tempos dos movimentos migratórios no mundo, reforçam a necessidade de políticas públicas atualizadas ao novo contexto mundial.

REFERÊNCIAS

CURY, Lucilene. *O Dilema da Pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 2008.

DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. Ed. Escuta, São Paulo, 2003.

ESTADÃO. Família venezuelana é explorada no Brasil. 07/04/2018. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,familia-venezuelana-e-explorada-no-brasil,70002258113>> Acesso em: 09/04/2018.

EL PAÍS. *Com 40.000 venezuelanos em Roraima, Brasil acorda para sua 'crise de refugiados'*. 18/2/2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071_492585.html>. Acesso em: 20/03/2018.

Folha de São Paulo. *Brasil concederá status de residente permanente a 44 mil haitianos*. 11/11/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1704865-brasil-concedera-permanencia-a-45-mil-haitianos-que-chegaram-desde-2010.shtml> . Acesso em: 02/04/2018.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2005.

POPPER, Karl A *lógica da pesquisa científica*. São Paulo: CULTRIX editora da universidade de São Paulo.

SANTOS, Boaventura Santos. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo, Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: EDUSP. 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. - 19ª ed. - São Paulo: Record, 2015.

SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

UOL notícias. *Com crise venezuelana, governo deve reforçar fronteira e declarar emergência social em Roraima*. 14/02/2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/02/14/venezuelanos-roraima-pacaraima.htm>>. Acesso em: 23/03/2018.

Recebido em 01/06/2018.

Aceito em 04/07/2018.

Publicado em 28/08/2018.